

# Ricos reavaliam sistema

LONDRES, WASHINGTON E BRASÍLIA – Mesmo que uma nova ajuda não tenha sido realmente discutida, o assunto deve vir à tona na reunião de sábado do G-7, em Frankfurt, que deveria ser dedicada a debates envolvendo questões entre europeus e asiáticos. O novo foco de pânico mundial trouxe de novo à ordem do dia as discussões sobre uma possível reforma do sistema financeiro internacional, que estiveram sob os holofotes após a crise russa, no segundo semestre do ano passado, mas acabaram esquecidas após a recuperação das bolsas de valores a partir de novembro. Ontem, o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, voltou a bater nesta tecla.

“Estes têm sido tempos difíceis para a economia global e para alguns mercados emergentes em particular, como vimos novamente ontem (anteontem) no Brasil”, afirmou Blair, pedindo um compromisso mais efetivo com reformas do sistema financeiro, baseadas na transparência e em códigos de conduta e cooperação.

A proposta de reforma do sistema financeiro mundial vem crescendo desde o ano passado, com a chegada ao poder, na Europa, de políticos trabalhistas e socialistas, como o próprio Blair, o francês Lionel

Jospin e o alemão Gerhard Schroeder. Curiosamente, no entanto, a primeira proposta concreta nesse sentido acabou partindo do presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, mas acabou abafada com o vigoroso crescimento da economia americana e o rumoroso processo de impeachment.

Ontem, Clinton reafirmou, através do porta-voz do Departamento de Estado, James Rubin, que o Brasil tem “extrema importância” no cenário global, mas que o G-7 não está planejando uma reunião de emergência para tratar da crise. Ele confirmou, no entanto, que o governo americano está “em estreito contato com líderes do Brasil, do FMI, do Grupo de Apoio, do G-7 e dos países vizinhos”.

“Seguiremos observando a situação”, afirmou Rubin.

■ A reação de ontem do mercado financeiro fez com que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, adiasse a viagem que fará aos principais países que investem no Brasil, para explicar a mudança na política cambial. Ontem, o ministro recebeu uma delegação de sete deputados americanos, que pediram a manutenção do regime comercial aberto no Brasil.